

## Paulistas

O célebre filósofo espanhol Julián Marías (1914-2005) – que sempre generosamente colaborou com as edições do Cemoroc – participou em 1954 em São Paulo de um Congresso Internacional de Filosofia, por ocasião do IV Centenário da cidade. Marías registrou suas impressões sobre São Paulo em “Paulistas”, artigo publicado no jornal madrileno “ABC” de 02-09-1954. Em homenagem aos 470 anos da cidade, oferecemos a nossos leitores a tradução desse estudo, muito original e sugestivo.

Julián Marías  
(trad.: Jean Lauand)

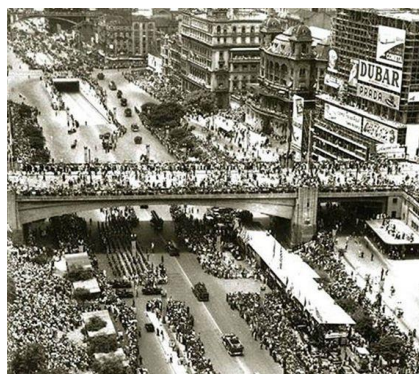
Um partido político? Uma ordem religiosa? Uma escola artística? Não, é um estranho gentílico: “paulistas” são os habitantes do estado brasileiro de São Paulo – e para designar os cidadãos de sua capital alguns preferem dizer “paulistano”, reduplicando a filiação. Não são paulenses, nem paulinhos, nem pauleses, nem paulanos; são paulistas, formando um “ismo” a mais. Isso é muito raro – não me atrevo a dizer único, porque quase sempre que se diz que algo é único a gente se engana e, além disso, tenho uma vaga referência de que os habitantes de uma pequena cidade (ou aldeia) na Argentina também formam seu gentílico em “ista”. E além de muito raro, o gentílico em “ismo” é estranhíssimo também do ponto de vista sociológico.

Com efeito, o sufixo “ismo” não designa sociedades, mas associações. O “ista” é um filiado, um militante ou um partidário: alguém que voluntariamente decide aderir a uma ideologia, estilo, doutrina, partido, que ingressa num grupo, que depende da vontade de seus membros, pré-existente a esse grupo. Ou seja, é frontalmente oposto ao que são as sociedades em sentido estrito, nas quais o indivíduo já se encontra basicamente nela, sem ter escolhido e sem ter sido consultado: a família, a pátria, a sociedade geral europeia, ocidental ou seja lá qual for. Quem é madrileno, castelhano, londrino, francês, limenho ou bengalês se encontrou nessa situação, com esse pertencimento, independentemente de sua atitude com relação à sociedade em que está inserido. Que essa condição se converta em um “ismo”, em um nacionalismo ou regionalismo qualquer, é uma eventualidade improvável e, diga-se de passagem, alarmante para essa sociedade.

Não pude apurar por que os habitantes de São Paulo se chamam paulistas; perguntei várias vezes durante minha estadia nessa cidade incrível, mas as respostas sempre foram vagas; ou melhor, tênues; quero dizer, nem eram muito respostas, como se a pergunta não chegasse a merecer atenção; o que significa que os paulistas não se surpreendem muito em serem chamados assim. Depois de poucos dias comecei a entender. É que, de fato, os paulistas são... “paulistas”: partidários, apegados, talvez fanáticos por São Paulo. Não é que se deparem com o fato de que nasceram lá – aliás muitos nasceram em lugares distantes – não é que se “acostumam” a viver nessa cidade onde os costumes dificilmente podem se consolidar; mas é que professam São Paulo, que assumem São Paulo como sua facção, sua bandeira, ou mesmo seu mito. A forma de relação do paulistano ou paulista com sua cidade ou estado não é a de

inserção ou a de pertencer; é a de adesão. Assim se explica que a cidade fundada há exatos quatrocentos anos por nosso Pe. Anchieta tenha passado em pouco mais de sessenta anos de 70.000 a 3 milhões de habitantes. Assim se compreende que não haja “paulenses” (quem seriam?), mas só paulistas. Nos últimos vinte anos, a cidade de um milhão triplicou sua população. Se hoje há centenas de enormes arranha-céus – que encham o centro da cidade –, há dezoito anos só existia um. E isto quer dizer que a febre está apenas começando.

Não quero dar mais dados, e estes são só os indispensáveis para observar qualitativamente a estrutura quantitativa de São Paulo; os dados não costumam ser muito úteis e, além do mais, no que se refere a São Paulo, estão sempre defasados; os que eu poderia dar aqui estariam antiquados quando da impressão desta página. Mas o fenômeno desse crescimento está entre as realidades mais impressionantes que se podem ver hoje – e seu ritmo é tal, que literalmente se pode “ver”, sem necessidade de que ninguém nos conte.



São Paulo festejando seu IV Centenário - <https://br.pinterest.com/pin/3729612170841861/>

Mas quem é que está fazendo São Paulo? Quem está fazendo esse transbordamento de trabalho, vontade, invenção e talento criador? Claro que é a sociedade: a superioridade da sociedade brasileira sobre seu Estado é, como em tantos outros lugares, avassaladora. Se houvesse alguma dúvida, bastaria comparar esses arranha-céus que se erguem em um pouco mais de tempo do que o que se requer para distribuir cartas chegadas por via aérea; esse paraíso dos arquitetos com esse inferno dos que esperam, em filas de quarenta ou cinquenta metros, os ônibus ou bondes que passarão lotados e carregando passageiros pendurados no lado externo.

Mas São Paulo não é, naturalmente, uma cidade, quero dizer uma paisagem urbana permanente, estabelecida, na qual se sabe o lugar de cada coisa, feita de habitualidades e costumes, e até pequenas querências que nos levam todos os dias ao mesmo café, ao mesmo rincão, àquele cruzamento de duas ruas, a uma certa lojinha. Porque no dia seguinte as duas ruas tornaram-se uma só, a lojinha deu lugar a um grande magazine, e podemos tomar o cafezinho nosso de cada hora em qualquer lugar menos em um local permanente; onde havia um pequeno sobrado há agora uma enorme audácia de quarenta andares de Niemeyer ou Le Corbusier. São Paulo não é uma cidade, mas o oposto disso; por isso seus habitantes, ou melhor seus autores, são “paulistas”. Mas se esses autores não podem ser confundidos com o Estado, não constituem tampouco essa estrutura social que chamamos “cidade”, no sentido que vai de Atenas a Paris, e talvez até Nova York e Buenos Aires ou Rio. Quem tem feito São Paulo? Quem é seu autor? Um olhar reflexivo sobre a enorme urbe nos levaria a iniciar um romance policial.